



## Nesta edição:

- Oportunidades de negócios na Tailândia
- O papel da tecnologia na produção rural
- Agronegócio tem superávit de US\$ 38,9 bilhões
- A importação do feijão

Edição 26 - Julho de 2016

## Oportunidades de negócio na Tailândia

Paisagens paradisíacas e uma culinária de dar água na boca. Essas são as duas imagens que podem vir à cabeça quando o assunto é Tailândia. E não é pra menos. Localizada no sudeste da Ásia, o país é uma península nas águas cristalinas do Mar de Andaman. A rica fauna marinha faz do país um dos pontos mais famosos para a prática de mergulho. Os templos milenares que recortam a paisagem do país também atraem turistas e adeptos da religião budista de todas as partes do planeta.

Mas não é apenas o turismo que tem atraído brasileiros para aquele lado do mundo. A Tailândia entrou, definitivamente, no radar dos empresários do setor agroindustrial.

### A Tailândia como parceiro comercial do agronegócio brasileiro

A Tailândia é o 14º destino das exportações brasileiras do agronegócio. No ano passado, foi responsável por 1,6% da receita de vendas externas do setor. Mas as exportações para lá deverão aumentar nos próximos anos. Carnes e café solúvel são apenas dois exemplos de cadeias agroindustriais que possuem oportunidades no mercado tailandês.

O consumo de proteína animal cresce rápido no país asiático. Por isso, os importadores tailandeses buscam novos fornecedores. O Brasil, por sua vez, está entre as novas prioridades. As negociações para a efetiva abertura do mercado para a carne bovina brasileira estão adiantadas entre as capitais. Há pendências técnicas para que os dois países assinem o protocolo sanitário e comecem a habilitar os frigoríficos brasileiros.

### Posição estratégica

A localização geográfica da Tailândia não é apenas privilegiada pelas praias. O país também é a porta de entrada para o disputado mercado consumidor do Sudeste Asiático – a região com as maiores taxas de crescimento econômico do mundo. Principal destino das exportações brasileiras, a China está logo ao norte

da fronteira entre a Tailândia e o Laos. Ao sul da península tailandesa, alimentos com certificação Halal – que atenta que as condições religiosas e obrigatórias islâmicas são promovidas na produção – ganham espaço nas prateleiras de países com maioria muçulmana, como a Indonésia e a Malásia. Outra boa oportunidade de negócios.

Não à toa, uma das estratégias do governo tailandês para impulsionar a economia local é transformar o país em um centro de industrialização e distribuição de alimentos prontos para o consumo no Sudeste Asiático. Como a produção agrícola do país é insuficiente para atender à demanda, surgem boas oportunidades de negócios para os exportadores brasileiros. Porém, os impostos de importação ainda inviabilizam as vendas de alguns setores para o país.

É o caso do café solúvel. Favorecidos por um acordo de livre comércio com os vizinhos asiáticos, os tailandeses importam, sem a incidência de impostos, o produto a granel do Vietnã e da Indonésia. Após misturarem o café solúvel com açúcar e com leite, reexportam embalagens de dose única da bebida instantânea. É o chamado 3 em 1.

O Brasil é o maior produtor e exportador de café solúvel do mundo. Mas, no ano passado, vendeu menos de uma tonelada para a Tailândia. Os empresários brasileiros alegam que a tarifa de importação de 30% tem sido o principal fator inviabilizando os negócios.

A boa notícia é que os tailandeses já perceberam que derrubar essas tarifas pode ser um bom negócio não só para o exportares brasileiros – mas para a indústria do 3 em 1 que se instala no interior da Tailândia.

Os brasileiros aumentariam as exportações de café solúvel a granel. Com acesso ao maior fornecedor do mundo, os industriais tailandeses poderiam reduzir as margens de lucro dos exportadores vietnamitas e indonésios.

## A fazenda do futuro: o papel da tecnologia na produção rural

Quando falamos em “tecnologia”, as primeiras imagens que nos vêm à cabeça são microchips, satélites e smartphones. Cada vez mais, esses e outros equipamentos são utilizados em

lavouras de todo o mundo, ampliando a produção rural e a oferta de alimentos de qualidade.

O maior uso da tecnologia no campo como principal instrumento para a ampliação da produção agropecuária torna-se ainda mais importante devido às estimativas de aumento da população e da renda média mundial. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o mundo terá 8,5 bilhões de habitantes em 2030 e 9,73 bilhões em 2050, frente os 7,4 bilhões de 2015. Já a firma de consultoria internacional PricewaterhouseCoopers (PwC) aponta que o Produto Interno Bruto (PIB) mundial crescerá em média 3% ao ano entre 2014 e 2050, quase triplicando ao final desse período. Maior população e mais recursos na economia tendem a gerar uma demanda maior por alimentos de qualidade.

O aumento da produtividade em terras já utilizadas pela agricultura será, portanto, chave para atender a uma demanda

por alimentos que deve crescer em 70% até 2050, segundo dados da FAO.

O uso da tecnologia já é, todavia, uma realidade em diversos projetos do agronegócio brasileiro. A recuperação de áreas degradadas, por exemplo, utiliza dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e sistemas de produção integrada, entre outros. Ademais, a agricultura de precisão – que inclui o uso de diversas tecnologias no campo – é cada vez mais comum em nosso país. Abaixo, é possível notar alguns exemplos dessa tecnologia que já está sendo desenvolvida, e que num futuro próximo estará presente em diversas propriedades rurais do Brasil e do mundo.

## FERRAMENTAS DE IMAGEM



Imagens: Freepik



Cada vez mais, **satélites** e **drones** são usados em funções como a análise de produtividade do solo e previsão da safra. A redução do custo desses equipamentos e o aumento no número de empresas que ofereçam esses serviços podem facilitar seu uso por produtores brasileiros.

## SENSORES E ANÁLISE DE DADOS

Melhorias tecnológicas têm reduzido preços e ampliado a precisão de **sensores**, que podem, por exemplo, medir a quantidade de nutrientes no solo. A partir dessa e de outras informações (como aquelas providas por drones e satélites), **sistemas de análise de dados** podem definir misturas de fertilizantes e a quantidade de água a ser usada na irrigação – reduzindo o desperdício e o custo de produção.



Imagens: Madebyoliver e Freepik

## MELHORAMENTO GENÉTICO



Imagem: Elias Bikbulatov

Já muito utilizado tanto na agricultura quanto na pecuária, o uso de **engenharia genética** produz plantas e animais mais produtivos e adaptados ao meio em que se encontram. No Brasil, desenvolvemos variedades de plantas, como eucalipto, soja e cana, dentre outras, que são melhor preparadas para as condições de secas, se desenvolvem em períodos mais curtos, aumentam o rendimento das plantações e requerem menos pesticidas.

## ROBÔS

Símbolo máximo de tecnologia na produção, os **robôs** conseguem atuar cada vez mais na colheita e controle de pragas. Nos Estados Unidos, foi desenvolvido um robô que identifica morangos maduros por meio de uma câmera e colhe especificamente esses frutos. Na Austrália, chama atenção um equipamento que localiza ervas daninhas e as destrói automaticamente com o uso de herbicidas.



Imagem: Freepik

## SMARTPHONES E APPS



Imagens: Freepik

Além da tecnologia acima, há diversos **aplicativos** para **smartphones** que auxiliam a gestão da propriedade rural. No Brasil, por exemplo, aplicativos podem ser usados *off-line* e permitem que o proprietário faça a gestão de plantações e rebanhos – reprodução, produção e sanidade – a partir de qualquer aparelho com os sistemas operacionais Android, iOS (Apple) ou Windows phone.

Em razão da importância da tecnologia e sua maior adoção na produção agropecuária, a CNA e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) realizam no dia 19 de outubro o 2º Diálogo Agrícola Brasil-Estados Unidos, com o tema “O Futuro da

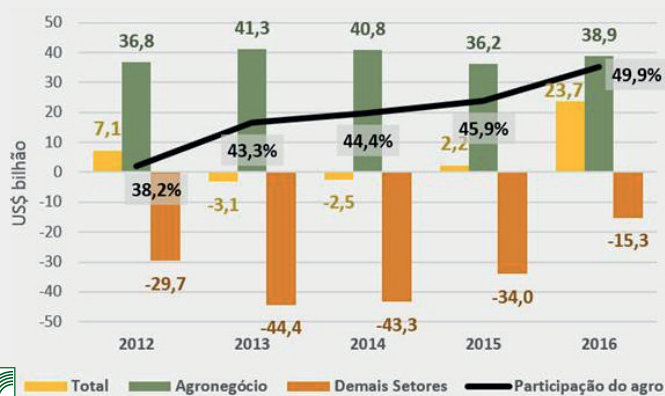
Agricultura: Cultivando com Inteligência”. O evento fortalece as relações entre Brasil e Estados Unidos, criando um canal direto de comunicação entre os setores agropecuários de ambos os países para debater temas de interesse mútuo.

# Agronegócio tem superávit de US\$ 38,9 bilhões no primeiro semestre 2016

## 1 Setor intensifica comércio no primeiro semestre

O agronegócio brasileiro obteve superávit de US\$ 38,9 bilhões no primeiro semestre de 2016. Sem a contribuição do setor, o Brasil teria registrado déficit de US\$ 15,3 bilhões na sua balança comercial. É o que comprovam os dados divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Saldo comercial brasileiro e participação do agronegócio



Acumulado de janeiro a junho  
Fonte: SECEX/MDIC e Agrostat/MAPA | Elaboração: SRI/CNA

**VENDAS EXTERNAS** - O agronegócio exportou US\$ 45 bilhões no período, crescimento de 4% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse valor representou cerca da metade do total exportado pelo país em 2016.

**PARTICIPAÇÃO DO AGRONEGÓCIO** - Tem ocorrido intensificação da participação do agronegócio nas exportações totais do Brasil. No primeiro semestre de 2012 o setor era responsável por 38,2% das vendas externas. Em 2016, alcançou a marca de 49,9%.

**INTENSIFICAÇÃO DO COMÉRCIO** - A corrente de comércio do setor também apresentou crescimento de 1,5%, apesar da retração de 13,7% nas importações do agronegócio mundial pelo Brasil.

## 2 Produtos do agro em destaque na pauta exportadora

Os dez produtos mais exportados pelo Brasil foram responsáveis por 43% do total das vendas externas no acumulado do ano. Dos dez, oito são do agronegócio, com vendas externas de US\$ 30 bilhões, aproximadamente 33% do total exportado pelo Brasil no período.



A **soja** continua sendo o carro chefe das exportações brasileiras, com vendas de US\$ 13,9 bilhões (38,6 milhões de toneladas), valor 11,1% superior em relação ao mesmo período do ano passado. O valor dos embarques de soja superou em quase três vezes o minério de ferro, segundo produto da pauta de exportação (US\$ 4,7 bilhões), e o **petróleo bruto** (US\$ 4 bilhões), terceiro principal item.

Segundo o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2015/2016 da soja, houve atraso no plantio em diversos estados brasileiros e problemas climáticos, o que diminuíram a produtividade média do grão. Apesar de um aumento na área plantada, esta safra (95,6 milhões de toneladas) deve ser 0,7% inferior à passada. Porém, mesmo com o fim da colheita, o preço internacional deve influenciar positivamente as exportações em 2016.

Para o **farelo de soja** (US\$ 2,4 bilhões), apesar da queda de 6,3% no valor exportado, houve crescimento de 13,1% no volume de vendas. A Argentina é o principal processador de farelo na América do Sul, porém a queda na produção de soja no período, devido a problemas climáticos, causou atraso na colheita argentina. Desse modo, os importadores tiveram que comprar o produto de outros fornecedores, como Brasil e EUA, incentivando as exportações.

Os problemas climáticos também afetaram a produção do **milho**, e a safra atual deve apresentar queda de aproximadamente 18%, pressionando os preços do grão. Dessa forma, a variação cambial deverá influenciar na decisão do produtor de exportar ou vender no mercado doméstico.

### CUSTO DE TRANSPORTE ARGENTINO PODE BENEFICIAR BRASILEIRO

- Devido à elevação dos custos operacionais, principalmente dos combustíveis, a província de Buenos Aires autorizou um reajuste de até 23,2% nos preços de transportes para os cereais, oleaginosas e respectivos subprodutos, o que pode gerar aumento de competitividade para o exportador brasileiro.

Principais produtos brasileiros exportados  
no 1º semestre de 2016

Produto		2015 (US\$ bilhões)	Participação	2016 (US\$ bilhões)	Participação	Variação em valor
1	Soja mesmo triturada	12,5	13,3%	13,9	15,4%	11,1%
2	Minérios de ferro e seus concentrados	5,0	0%	4,7	5,2%	-5,2%
3	Petróleo bruto	6,4	0%	4,0	4,5%	-37,0%
4	Outros açúcares de cana	2,6	0%	3,1	3,5%	19,2%
5	Celulose de não coníferas	2,4	0%	2,6	2,9%	6,9%
6	Farelo de soja	2,6	0%	2,4	2,7%	-6,3%
7	Café não torrado e não descafeinado, em grão	2,9	0%	2,1	2,3%	-26,1%
8	Milho em grão	1,0	0%	2,0	2,2%	104,2%
9	Pedaços e miudezas de aves congelados	2,0	0%	2,0	2,2%	0,5%
10	Carne bovina desossada e congelada	1,8	0%	1,9	2,1%	6,1%
Subtotal		39,1	13,3%	38,8	43,0%	-
Total		94,3	-	90,3	-	-

Fonte: Alice Web (MDIC) | Elaboração: SRI (CNA)



### 3 Aumento no valor exportado dos produtos do agro

Com exceção do **farelo de soja** e **café em grão**, houve crescimento no valor exportado para os oito principais produtos do agronegócio.

Em relação ao volume das vendas, o café em grão foi o único produto que apresentou queda no volume exportado (-9,6%). Problemas climáticos no Brasil, que podem alterar a qualidade dos grãos, afetaram as cotações internacionais e pressionaram os preços do café.

Desse modo, os exportadores de café podem decidir esperar para realizar novas vendas, cumprindo apenas contratos já estabelecidos. Outro fator que pode contribuir para o aquecimento dos preços do café é a expectativa de um menor estoque global e aumento do consumo na safra atual. Importantes países produtores, como Vietnã, Colômbia e Indonésia, deverão produzir menos nessa safra.

## A importação do feijão

No último mês, o feijão foi um dos assuntos mais comentados do país. Após reclamações sobre os altos preços do produto atingirem a lista de assuntos mais comentados das redes sociais, o presidente interino Michel Temer liberou a importação do produto.

O descontentamento popular com o preço do feijão foi motivado pela alta de, em média, 28% no preço do produto nos supermercados entre janeiro e maio de 2016, segundo a empresa alemã de pesquisa de mercados GfK. Esse aumento se deveu principalmente aos efeitos do El Niño. No Rio Grande do Sul, o fenômeno causou excesso de chuvas, enquanto no restante do país, a seca prejudicou as colheitas. Em média, houve quebra de 20% no acumulado entre a terceira safra de 2015, e a primeira e segunda de 2016. Estima-se que, em 2016, a demanda por feijão no Brasil supere a oferta.

Para suprir essa demanda, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) zerou, no dia 23 de junho, a tarifa de importação cobrada para o feijão. Essa mudança beneficia principalmente países externos ao Mercosul, pois os membros do bloco (como a Argentina, geralmente responsável por 46,1% das importações brasileiras) já tinham acesso livre ao mercado nacional.

Dessa forma, grandes produtores e exportadores mundiais de feijão (principalmente o feijão carioca), como os Estados Unidos, podem passar a exportar ao Brasil nos próximos meses. Os EUA são responsáveis por 11,4% da exportação mundial de feijão, mas são origem de apenas 0,02% das importações brasileiras.

Um segundo país que tende a beneficiar dessa medida é a China que, na média entre 2012 e 2015, foi origem de 26% das importações mundiais de feijão. Normalmente, o feijão chinês enfrenta tarifa de até 10% para entrar no Brasil. Mesmo assim, o país é o segundo maior fornecedor externo ao mercado local. As exportações chinesas atingem, em média, 104,6 mil toneladas por ano, equivalendo a 43,5% das importações brasileiras. Apesar disso, a China não concentra suas exportações no feijão mais popular entre os brasileiros (o carioca), mas em feijão preto. De todo modo, a combinação de preços mais altos e redução de tarifas podem ampliar as vendas do gigante asiático ao Brasil.

A redução temporária nos impostos de importação para feijão pode, assim, modificar o comportamento dos fornecedores internacionais do produto. Enquanto a China poderá utilizar a oportunidade para ampliar ainda mais sua presença no mercado brasileiro, países como os Estados Unidos, cuja exportação ao Brasil é quase nula, podem criar seu espaço. Isso permitirá que a alta nos preços de feijão seja contida.

De todo modo, essa é uma medida temporária. Assim, a adequação dos preços mínimos garantidos é instrumento fundamental para uma estabilização duradoura dos preços de feijão. Nesse sentido, é importante que o governo já tenha ampliado esses preços, dando maiores incentivos para o plantio de feijão nas próximas safras. Isso garantirá a produção interna e, assim, valores de venda justos a fornecedores e consumidores.

## Agro em foco

### Frutas brasileiras mais perto do mercado japonês

Melão, caqui, frutas cítricas e novas variedades de manga brasileiras podem estar mais próximos de acessarem o mercado japonês. Isso porque o Ministério da Agricultura, Florestas e Pescas (MAFF) daquele país atualizou a norma que possibilitará a importação do Brasil. Para que o mercado efetivamente abra, o governo brasileiro deverá encaminhar, em breve, um plano de trabalho com informações sobre o controle de pragas e a gestão de risco para algumas espécies de mosca-das-frutas. O Japão possui um mercado exigente e o acesso para as frutas brasileiras comprova a alta qualidade e sanidade do sistema produtivo nacional. Além disso, para Jorge de Souza, gerente do projeto setorial da Apex-Brasil na área de promoção de frutas brasileiras, a abertura desse mercado favorece o aumento das exportações e auxilia na diversificação dos mercados para as frutas do país.

### Restrições de comércio alcançam maiores níveis mensais desde 2009

A Organização Mundial do Comércio (OMC) publicou, no dia 21 de junho, o XV Relatório de Monitoramento de Comércio sobre medidas comerciais do G20, fórum internacional que reúne representantes das 19 maiores economias do mundo, mais a União Europeia. Segundo o relatório, a aplicação de novas medidas de restrição de comércio aumentou, alcançando os níveis mais altos para a média mensal desde que a OMC iniciou a fiscalização, em 2009. Entre outubro de 2015 e maio de 2016, as

economias do G20 aplicaram 145 novas medidas, ou quase 21 novas medidas por mês. Para o diretor-geral da OMC, o brasileiro Roberto Azevêdo, um aumento nas restrições ao comércio é a última coisa que a economia global precisa neste momento, em que o PIB global e o comércio exterior crescem de forma acanhada. O principal fator por trás do aumento nas medidas de restrição foi um aumento no número de investigações de defesa comercial, como ações de anti-dumping.

### Exportações para o Egito podem aumentar

Segundo o embaixador do Egito no Brasil, Alaaeldin Mahmed, seu país poderá ampliar as suas importações de carne bovina in natura brasileira. Esse aumento se daria em função da habilitação de novas plantas frigoríficas para exportações aos egípcios. Ainda não há data definida para as habilitações. Em 2016, o Egito já é o

11º principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. A carne bovina in natura lidera os embarques, somando US\$ 328,93 milhões, ou 45% do total exportado pelo setor àquele país. Da mesma forma, o Egito é o terceiro maior comprador da carne bovina brasileira, em dólares, apenas atrás de Hong Kong e China.

### MAPA disponibiliza estudos sobre os maiores parceiros agrícolas do Brasil

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) lançou página na internet com dados sobre os 30 principais parceiros comerciais do agronegócio brasileiro. O site traz um conjunto de documentos que apresentam informações fundamentais e que auxiliam o agroexportador na tomada de decisões de negócios, como o Produto Interno Bruto (PIB), PIB agrícola, balança

comercial, principais produtos comercializados, acordos bilaterais e outros. A lista contém desde grandes mercados, como China, Estados Unidos e União Europeia, como mercados menores, porém estratégicos, como Cingapura, Jêmen e Taiwan. A lista de países pode ser encontrada no seguinte link: <http://www.agricultura.gov.br/internacional/indicadores-e-estatisticas/estudos>.

### Roberto Jaguaribe assume presidência da Apex-Brasil

O embaixador Roberto Jaguaribe assumiu a presidência da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). O diplomata, e engenheiro de sistemas por formação, já exerceu os cargos de embaixador do Brasil na China e Mongólia, Reino Unido e Irlanda do Norte, além de ter ocupado importantes posições no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, e em organizações internacionais. A Apex-Brasil atua para promover os produtos e serviços brasileiros no exterior e atrair investimentos para setores estratégicos da economia brasileira.



UMA PUBLICAÇÃO



Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

Superintendência de Relações Internacionais  
**Alinne Oliveira**

**Camila Nogueira Sande**  
**Elizabeth Serpa**

**Gabriela Coser Rivaldo**  
**Lara Vicente Teixeira**

**Layanne Alves Vasconcellos**  
**Pedro Henrique de Souza Netto**

**Pedro Henriques Pereira**  
**Thiago Masson**

[twitter.com/SistemaCNA](https://twitter.com/SistemaCNA)   
[facebook.com/SistemaCNA](https://facebook.com/SistemaCNA)   
[instagram.com/SistemaCNA](https://instagram.com/SistemaCNA) 

[www.cnabrasil.org.br](http://www.cnabrasil.org.br)  
[www.canaldoprodutor.tv.br](http://www.canaldoprodutor.tv.br)